
*Adolescência e violência:
ações comunitárias na
prevenção “conhecendo,
articulando, integrando
e multiplicando”*

David Léo Levisky (Org.)

*Adolescência e violência:
ações comunitárias na
prevenção “conhecendo,
articulando, integrando
e multiplicando”*

Casa do Psicólogo®

© 2002 Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade, sem
autorização por escrito dos editores.

1ª edição
2001

2ª edição
2002

Editora

Anna Elisa de Villemor Amaral Güntert

Coordenação Editorial

Dirceu Scali Jr.

Produção Gráfica

Renata Vieira Nunes

Revisão Gráfica

Solange Scattolini

Editoração Eletrônica

Angélica Gomes Borba

Projeto Gráfico da Capa

Adriana Blay Levisky

Maria Eugênia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Levisky, David W. (Org.)

Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção
“conhecendo, articulando, integrando e multiplicando” / David W.
Levisky (Org.) — São Paulo: Casa do Psicólogo / Hebraica, 2001.

Vários autores

Bibliografia.

ISBN 85-7396-148-1

1. Adolescência 2. Psicologia do adolescente 3. Violência I. Levisky,
David Léo.

Índices para catálogo sistemático:

1. Adolescência e violência : Psicologia do adolescente 155.5
2. Violência e adolescência : Psicologia do adolescente 155.5

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à



Casa do Psicólogo® Livraria e Editora Ltda.

Rua Mourato Coelho, 1.059 – Vila Madalena – 05417-011 – São Paulo/SP – Brasil

Tel.: (11) 3034.3600 – E-mail: casapsi@uol.com.br – <http://www.casapsicologo.com.br>

Este livro é resultado do Seminário “Adolescência e Violência: ações comunitárias na prevenção”, realizado na Hebraica nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2001; promovido pela Hebraica e pela Casa do Psicólogo. Com o apoio das seguintes entidades:

- Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI)
- Associação Brasileira de Psicopedagogia
- Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo (ABPAG)
- Colméia
- Conselho Regional de Psicologia
- Federação Latinoamericana de Psiquiatria da Infância e Adolescência (FLAPIA)
- Fundação Abrinq
- Instituto Fernand Braudel
- Instituto Therapon Adolescência
- Núcleo de Estudos em Saúde Mental (NESME)
- Núcleo de Estudos da Violência (NEVI) - USP
- Ordem dos Advogados do Brasil
- Pró-Mulher, Família e Cidadania
- Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Ficha Técnica

Coordenação Científica

David Léo Levisky

Coordenação Geral

Departamento Geral de Cultura

Associação Brasileira “A Hebraica”

Presidente

Hélio Bobrow

Vice Presidente Social/Cultural

Eugen Atias

Diretor Geral de Cultura

Josef Barat

Diretor de Planejamento Cultural

Henrique Fisberg

Diretoria de Debates e Palestras

Ana Perwin Fraiman

Renato Tichauer

Assessor de Marketing Cultural

Moyzes Fraiman

Equipe Técnica

Eve Pekelman

Milton Fiks

Sonia Korn Haller

Lucilla Glogowski

Erika Dayan

Equipe de Colaboradores

Itamar Batista Gonçalves (apoio oficinas e posters)

Célia Rubinstein

Maria Stella Sampaio Leite

Ricardo Arcoverde Credie

Mensagem de “A Hebraica”

Tudo o que se fizer para salvar as gerações futuras do estigma da violência precisa da ajuda e da colaboração de todos. As comunidades de um modo geral estão unidas nesta luta comum, até porque elas podem ser vítimas da violência originária de seus próprios membros, mas sempre se tem a impressão de que falta alguma coisa.

É como um desafio que se renova a cada momento, pois a cada momento um indivíduo avança em direção a adolescência. Com a banalização da violência, a criança passou a fazer parte desta engrenagem, simultaneamente como agente e paciente, que não poupa ninguém e mói seres humanos.

É um sinônimo de violência a criança cujas unhas raspam os vidros dos carros nos congestionamentos e olha a súplica de uma esmola. É violência a criança abandonada à própria sorte pelos pais em busca de trabalho. Parece que tudo deriva para a violência, quando se trata de crianças. É tanta e tão diversificada quem, feitas as contas, nada mais resta senão cruzar os braços e deixar para Deus pagar a conta. Felizmente não é assim, e aos homens de bem cabe se dar as mãos e, como no poema de Rousseau, fazer uma roda de felicidade em torno do mundo.

Este livro é mais um pouco de luz que se joga sobre o tema violência-adolescência e que a sociedade se encarregou de magnificar a ponto de transformá-lo numa tragédia do cotidiano.

A Hebraica se orgulha de participar dele.

Hélio Bobrow — Presidente de "A Hebraica"

* * *

A Associação Brasileira “A Hebraica” de São Paulo, através de sua diretoria, articula-se com a sociedade para estar trazendo à tona as temáticas relacionadas à criança, adolescência e violência.

Ações individuais, comunitárias, governamentais e empresariais vem trabalhando e se integrando com o intuito de prevenir e buscar uma existência mais humana.

Com este projeto busca-se uma participação expressiva no encontro de novos caminhos e soluções de uma problemática complexa que permeia todos os níveis da sociedade.

Eugen Atias — *Vice-Presidente Social/ Cultural de “A Hebraica”*.

* * *

O século XX institucionalizou a violência em escalas e extremos jamais imaginados. A violência do Estado impôs sofrimento, exílio e extermínio a grupos sociais, étnicos e religiosos em todo o planeta. A Segunda Guerra Mundial mostrou que o fanatismo, a intolerância e a estupidez humanas não tinham limites. Como se isto não bastasse, a intolerância e a discriminação persistem, por meio de todas as formas de violência institucionalizada. Hoje, não apenas pelo Estado, mas por grandes interesses que comandam os meios de comunicação e a massificação de uma “cultura” da violência.

Assistimos ao aumento assustador da amplitude das manifestações violentas. Grupos particularmente vulneráveis são por elas atingidos: minorias étnicas e religiosas, mulheres, crianças e adolescentes, deficientes físicos, homossexuais, entre outros. Debater as raízes, a dinâmica e as conseqüências da violência — principalmente entre os jovens — é um dever de todos os que se julgam dignos de pertencer à espécie humana. Este é o objetivo do Seminário “Adolescência e Violência: ações comunitárias na prevenção” promovido pela Hebraica.

Josef Barat — *Diretor Geral de Cultura de “A Hebraica”*.

Sumário

Apresentação	11
<i>David Léo Levisky</i>	
Violência brasileira: Entre crescimento da igualdade e fragilidade institucional	25
<i>Angelina Peralva</i>	
Violência brasileira: o privado e o público	37
<i>Roberto Romano</i>	
Globalização e violência	51
<i>Pierre J. Evlich</i>	
Globalização e violência	63
<i>Jorge Wilhelm</i>	
Os adolescentes, vítimas e personagens de guerras no século 21	65
<i>Jaime Spitzcovsky</i>	
Desorganização política e problemas de escala São Paulo	
Metrópole	71
<i>Norman Gall</i>	
As escolas paulistas	95
<i>Bruno Paes Manso</i>	
Adolescência – tanto faz?	111
<i>Antonio Luiz Serpa Pessanha</i>	
O uso da maconha e as alterações nos relacionamentos humanos	123
<i>Içami Tiba</i>	
Gravidez, prostituição infanto-juvenil, DST e auto-agressão: ações comunitárias	131
<i>Roosevelt Moises Smeke Cassorla</i>	
Aids: uma doença socialmente transmissível	141
<i>Marion Minerbo e Giuliana Gouveia</i>	
Caracterização do abuso sexual intrafamiliar através de dados elaborados no Ceará	153
<i>Gisele Joana Gobbeti e Claudio Cohen</i>	
Violência intrafamiliar: novas formas de intervenção	167
<i>Malvina Muszkat</i>	
O jovem infrator e a Febem de São Paulo História e atualidade	175
<i>Maria Luíza Marcílio</i>	

O Judiciário protege a criança e o adolescente?	187
<i>Antonio Augusto Guimarães de Souza</i>	
O ato infracional à luz do Estatuto da Criança e do Adolescente e o Poder Judiciário — Lei nº 8.069/90	199
<i>Ebenézer Salgado Soares</i>	
O futuro do Brasil não merece cadeia	207
<i>Maria de Lurdes Trassi Teixeira</i>	
A contribuição da dinâmica grupal na prevenção da violência na adolescência e nas comunidades	213
<i>David Zimmermann</i>	
Adolescência, violência e a família na cultura atual	
Técnicas de trabalho grupal	227
<i>Ruth Blay Levisky</i>	
Grupos e prevenção	245
<i>Waldemar José Fernando</i>	
Construindo esperança em tempo de violência	257
<i>Júlio Lancelotti</i>	
A mediação da violência na Educação	265
<i>Margarida Azevedo Dupas</i>	
Violência e juventude em Diadema: uma experiência de mil e tantas leituras	283
<i>Maritide Cristovão Gomes de Oliveira</i>	
Lac: liberdade e acesso à cultura	
Uma proposta sócio-educativa para os adolescentes em conflito com a lei	291
<i>Isabel Aparecida dos Santos e Cláudio Hortêncio Costa</i>	
Trabalho do adolescente: oportunidade X exploração	303
<i>Daniel De Bonis</i>	
Projeto Círculo de Leitura: A palavra como sustentáculo da identidade e da cidadania	315
<i>Catalina Pagés de Lama e colaboradores</i>	
Rede de Observatórios de Direitos Humanos: A Implementação do Projeto Piloto	321
<i>Marcelo Daher, Fernando Salla e Andrei Koerner</i>	
A mídia na prevenção da violência: a violência na mídia e a mídia violenta	333
<i>Percival de Souza</i>	
A mídia na prevenção da violência: violência na mídia e mídia violenta	335
<i>Rui da Silva Nogueira</i>	

Apresentação

Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”

David Léo Levisky¹

Livro e seminário *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”* são frutos de um esforço conjunto, presença viva da solidariedade existente, que busca apenas espaço e oportunidade para se manifestar. A comunidade se beneficia e cada um se realiza.

O nascimento de um livro, de certa forma, equipara-se ao nascimento de um bebê. Este quando nasce traz consigo uma série de medos: quem são seus pais, se saberão cuidar dele? Não conhece as dificuldades nem os recursos imediatos para sobreviver. Pouco a pouco descobre suas potencialidades ao longo de um percurso desconhecido. Seu corpo amadurece, se desenvolve e a vida simbólica se constitui na relação com o outro. Porém, sua vida psíquica não começa no nascimento. Há uma história e uma realidade que antecedem esta vida. Para o bebê, no mínimo a partir de sua vida intra-uterina. Lá, ele já ouve, percebe a luz, recebe os reflexos das reações emocionais, dos hábitos e costumes de sua mãe e através dela, do pai e do meio ambiente. Se a mãe bebeu, fumou ou transou, o bebê vive os reflexos, num mundo de ruídos, turbulências e prazeres, no qual se desenvolve protegido pelo corpo materno. Se tiver a sorte de encontrar um ambiente que facilite, oriente com afeto, continuidade, cuidados e educação, certamente terá maiores oportunidades para lidar com a vida e nela se realizar.

Este livro também veio em meio a turbulências de várias naturezas. Porém, prevaleceu um sentimento de compromisso social e vontade

1. Psiquiatra da Infância e Adolescência. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Doutorando do Departamento de História da FFLCH da USP. Organizador e coordenador científico do Seminário “Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção — conhecendo, articulando, integrando e multiplicando” realizado e promovido pela Associação Brasileira A Hebraica de São Paulo, 4-7/10/2001.

de viver. Surgiu da esperança de cada um que dele participa de trazer sua parcela de contribuição. Assim, podemos nos juntar numa grande ciranda, e melhor ainda, numa rede ampla de comunicação e de interação com aqueles que se interessam pela qualidade da educação e formação da infância e da juventude, integradas à realidade da vida da cidade e do país.

Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção vem no intuito de debater, propor e aproximar experiências que estão sendo realizadas junto às comunidades, a partir dos diferentes segmentos que a compõem, e que podem servir de estímulo para novas ações. O objetivo é atenuar, e se possível eliminar, certas causas geradoras de violência. Crianças e adolescentes estão em pleno desenvolvimento biológico, psicológico e social, o que significa dizer que são vulneráveis e receptivos aos estímulos internos e externos que interferem na formação de sua identidade. Carregam em si potenciais construtivos, destrutivo, reparadores e criativos, de vida e de morte que podem ser estimulados e reprimidos pela cultura, através da qualidade das relações, normas, limites, e valores éticos que a sociedade estabelece.

Violência, palavra difícil de se definir, mas fácil de ser sentida e identificada, principalmente quando se é vítima. Lalande* conceitua violência como um fenômeno: a) “que se impõe contrariamente à sua natureza”; b) “que se exerce com uma força impetuosa contra aquilo que lhe causa obstáculo”; c) que resulta de “impulsos que escapam à vontade”; d) que ocorre quando a pessoa se comporta com uma força impetuosa contra aquele que lhe resiste; e) quando do “emprego ilegítimo, ou pelo menos ilegal, da força”.

É preciso identificar suas manifestações e significados simbólicos. Existe a violência física, bárbara, motivada por conflitos profundos e estruturais de personalidades perturbadas. Outras como reações quando acuadas, diante do desespero, da desesperança, da falta de perspectiva. Difíceis de serem diferenciadas entre o que é passível de tratamento e onde a lei se impõe para proteger a sociedade e o próprio agressor. Há, ainda, violências construtivas, libertadoras, frutos do desejo de emancipação, de reconhecimento, de auto-afirmação, inerente ao desenvolvimento de qualquer ser humano. São observáveis com facilidade na criança e no jovem, em condições adequadas de vida, manifestadas pela rebeldia e pequenas transgressões assimiláveis e toleradas pela sociedade.

* Lalande, A.: *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes 1993.

Mas, há violências sorrateiras que destroem a capacidade de análise crítica e de julgamento, que trapaceiam, corrompem, vendem ilusões de prazeres imediatos, que cega e bestializa, destruindo valores. Em nome do que? Do lucro? Não sei.

Não se pretende um retorno ao passado. Entretanto, novas construções dependem de suas relações com o passado. Elas servem de base para a formação do sujeito, alimentam os vínculos e promovem sentimentos de confiança.

No presente, há uma tendência a se priorizar o poder econômico, a massificação do consumo, valorização da realização imediata do desejo concomitante à falta de perspectivas de trabalho, de solidariedade, ferindo o sujeito em sua auto-estima, criando o fermento da violência. A questão se complica quando aqueles que são agentes da hostilidade não se dão conta de que também são vítimas de sua própria violência, muitas vezes mascarada pelo cinismo.

Pode-se enumerar uma série de episódios violentos no longo tempo da história e das transformações das mentalidades nas lutas por uma vida melhor. Crianças e adolescentes sempre estiveram envolvidos nestes embates. São eles que vão à frente dos exércitos (militar, econômico, religioso, etc.), com bravura, coragem, idealização, sacrificados pelos adultos, gerentes ideológicos do processo. No Brasil morrem por dia mais crianças e adolescentes do que em muitas guerras.

Na atualidade temos novos fatores geradores de violência, paradoxos da emancipação, da democracia, da evolução tecnológica, da velocidade astronômica dos meios de comunicação. Tudo se passa em tempo real e se difunde para todos os lados. Tudo se repercute em todos e todos recebem as influências de cada um. Levantamentos estatísticos mostram que a qualidade de vida no mundo vem melhorando. Vendem-se mais geladeiras e automóveis. Mas, vive-se a desestruturação das grandes cidades e das culturas que mobilizam reações defensivas com o aumento de regionalismos. Pouco se observa quanto ao aumento das responsabilidades sociais. Falta de critérios e impunidade oficializada por segmentos inescrupulosos da mídia, ainda que ilegais, interferem na constituição das relações éticas.

Quais as conseqüências que tudo isto acarreta na constituição do imaginário coletivo universalizado pelas redes de comunicação? Suas repercussões na formação das mentalidades entre os jovens e sua credibilidade frente ao futuro?

Entretanto, vê-se, hoje, uma rede de iniciativas buscando solidariedade, integração e participação através de inúmeros projetos que envolvem a responsabilidade social de empresas, instituições privadas, oficiais e não governamentais, grupos de voluntários.

É preciso um esforço extraordinário para aprimorar ou mesmo preservar as qualidades das relações no contexto atual psicossocial e educativas. Foucault** tão bem nos esclarece sobre a importância do contexto na formação do universo simbólico do sujeito e das instituições na sua “*A Ordem do Discurso*”.

Tivemos a oportunidade de denunciar e analisar algumas das causas geradoras da violência em outras publicações². O momento é de ação, de investimento em práticas que modifiquem as mentalidades que regem o poder econômico vigente e que interfira no desenvolvimento do sentimento de participação e de responsabilidade social. Interferir no contexto, na busca de condições de vida que tornem as sociedades mais contidas, dotada de recursos humanos facilitadores da sobrevivência, de educação, de solidariedade, de possibilidade de realização pessoal e grupal. Que abra espaço para a expressão da vida amorosa e agressiva existente em todos nós, através da linguagem, dos meios simbólicos, de forma aceitável e capaz de ser incorporada pela sociedade. Utopia? Demagogia? Ou luta contra a desesperança?

A construção de uma Nova Ética parece ser um dos caminhos. Não significa resgatar a Paidéia da velha Grécia, mas recordar sua importância no sistema educacional contemporâneo. Diminuir as diferenças, oferecer oportunidades para todos, combater a pobreza e as injustiças sociais através de ações educativas e possibilidades reais de emancipação. São caminhos que reduzem e podem nos ajudar a lidar melhor com os sentimentos destrutivos que fazem parte de nossa natureza. Eles podem ser mitigados, diluídos quando não se fomenta os sentimentos de desprezo, desvalorização, abandono, inveja, geradores de hostilidades e violências.

Com a expansão da subjetividade, individualidade e singularidade humanas está se perdendo a noção de público e privado associado a todas as mudanças que caracterizam o mundo atual globalizado. Em

2. Levisky, D. L.: Adolescência e violência, conseqüências da realidade brasileira; Adolescência, pelos caminhos da violência (A psicanálise na prática social) e Adolescência — reflexões psicanalíticas. Publicados pela Editora Casa do Psicólogo.

** Foucault, M.: *A Ordem do Discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1998.

parte é uma conquista. Mas, não podemos nos esquecer de que somos seres sociais; dependemos e vivemos em grupos. Ninguém se constitui por si só. Há limites pessoais e grupais. Torna-se necessário descobri-los em cada situação, através do sentir e do pensar, tão empobrecidos nesta era do ter e do agir.

Vivemos numa transição? Entre outros fatores já citados, surgimento das cidades, das metrópoles e megalópoles contribuíram para gerar impactos na cultura tanto quanto a descoberta do fogo, do ferro, da imprensa, da penicilina, da televisão, da internet e agora, da clonagem humana. Hoje, tanto faz ser homem ou mulher; uma pinça e uma proveita são capazes de substituir o antigo pênis e a esquecida vagina. O rabo, faz tempo, já se perdeu. O gozo virá com a pílula!

Evoluímos muito em tecnologia, mas temos muito a aprimorar, se quisermos evoluir neste processo dinâmico que é a qualidade das relações entre as pessoas e grupos; cada um com suas motivações, interesses e limitações. Não se pensa no encontro do consenso, mas é preciso buscar espaços capazes de abarcar, em certas doses, as diferenças, com tolerância e sentimento de equidade.

Tem-se esquecido as características do coração humano. Quando falta amor, entenda-se: comida, trabalho, saúde, sentimento de valorização do indivíduo, confiança, surge no inconsciente o ódio e intensificam-se os sentimentos de desamparo. Os mecanismos de defesa se amplificam e tornam-se rígidos. Emergem sentimentos: de indiferença, destruição da auto-estima, ódio pelo desprezo no qual se vive. Uma sociedade liberalizada de envolvimento e de responsabilidade social, egocêntrica, que não se faz ouvir e que ouve só o que quer, que faz vista grossa, onde tudo vale, em nome de uma pseudo-democracia e ilusório sentido de liberdade, contribui inconscientemente para a geração do clima propício para a violência.

O contexto se agrava quando segmentos irresponsáveis da mídia, associados direta ou indiretamente ao poder econômico perverso, com suas ações iterativas, são amparadas e estimuladas por parcelas da população desejosas de satisfazer suas fantasias. Este conjunto ocupa com grandes vantagens o domínio do espaço público. Desta forma, cria-se um contexto que autoriza e oficializa, por tornar pública e impune, condições sociais facilitadoras de violência, à semelhança do que se passa nas telas como projeções do imaginário individual e coletivo. A impunidade da realidade contribui na expansão da violência como ambiente

facilitador, reproduzindo o que ocorre no imaginário. O contexto torna-se exemplar na incorporação destes modelos como valores e ideais a serem reproduzidos pelas crianças e adolescentes, ávidos de modelos identificatórios a serem incorporados.

Condições que produzem nuns indiferença, noutros revolta e indignação, como novas violências ou profundo e doloroso sentimento de impotência e depressão.

Konder Comparato*** afirma que “A revolta dos povos dominados — geral, permanente e implacável — contra a globalização capitalista é absolutamente necessária” e acrescenta que “os capitalistas pensam de forma totalmente diferente”. E nós, do povo, como podemos saber qual é o caminho, nesta barafunda de idéias, se não manifestarmos o que pensamos, sentimos e queremos.

Busca-se uma Nova Ética, que abarque o respeito à subjetividade, à individualidade inserida no conjunto social que constitui a grande comunidade das cidades, estados e países. Será que o homem necessita de uma ameaça externa, um extra-terrestre maligno para se unir? Ou, é mais fácil lidar com o perigo externo a ter de enfrentar a própria destrutividade, camuflada pela negação da realidade, desfaçatez, vista grossa, levar vantagem, o outro que se dane, passe amanhã, tão frequentes em nossa identidade nacional.

Poetas, historiadores, psicanalistas, sociólogos, psicólogos entre tantos outros, tem tentado salientar o que Rousseau**** alertou para a necessidade de se conhecer a natureza do coração humano para se conhecer a história. Só assim poderemos compreender as violências, atenuá-las e impedi-las, se for impossível.

As violências, algumas necessárias, podem ser o último grito de clamor dos desesperados, dos que não são ouvidos. Como aquele do bebê, que ao nascer emite seu grito, não de dor, mas, paradoxalmente, de vida e de terror, pelo desamparo experimentado ao iniciar sua longa e derradeira etapa. Mitos que carregamos em nosso inconsciente e que permeiam nossas ações.

Acaba de ser publicado um documento denominado “*Dissenso de Washington*”. Ele pretende uma redução do protecionismo comercial dos países desenvolvidos e um conjunto de ferramentas a serem desen-

*** Konder Comparato, F.: *Folha de S.Paulo*, 17/8/2001, p. A3

**** Rousseau, J. J.: *Emílio ou da Educação*, Difusão Européia do Livro, 1968.

volvidas pelos governos nacionais do qual destacamos alguns itens: a) conter a indisciplina fiscal cometida por governos que gastam mais do que arrecadam; promovem ou fazem vista grossa à corrupção, extorquindo dos pobres e da classe média, beneficiando mais os ricos; b) gerar programas onde os gastos públicos privilegiem e assegurem condições sociais e projetos educacionais pré-escolares e escolares eficientes; c) tributar mais os ricos e gastar mais com os outros; d) efetivar programas que protejam e valorizem o trabalhador; e) atacar frontalmente as discriminações; f) dar oportunidades justas aos camponeses pobres através de formas mais adequadas de reforma agrária; g) adequar os serviços públicos para atender aos consumidores, pobres ou ricos. Afirma Rossi*****, autor do artigo, que a América Latina é considerada o subcontinente de maior desigualdade no planeta.

Diante da gravidade, urgência e complexidade das situações brasileira e mundial, a violência é sintomática e expressa o estresse, o excesso de sofrimento psicológico e social. Fatos que nos levam a dar continuidade a esta luta de conscientização e estímulo para o envolvimento popular, sem qualquer discriminação de classe social, religiosa, política, étnica, econômica, cultural.

Reunimos neste livro e seminário um grupo de pessoas de diferentes áreas do conhecimento, da vida pública, de correntes de pensamento, das comunidades, com profunda vivência e envolvimento em áreas específicas, preocupadas que estão com as diversas questões geradoras de violência. A diversidade de enfoques tem por fim estabelecer um diálogo sobre *ações comunitárias na prevenção da violência*. Pretende-se que palestrantes, público leitor e platéia sejam co-participantes e co-responsáveis, tanto como vítimas quanto como agentes destas situações. Conhecer as causas gerais e específicas de violência bem como o desenvolvimento de ações preventivas, integradoras e re-integradoras, mecanismos psicológicos e sociais, procedimentos éticos, condições para a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), são os objetivos aqui presentes.

Dar sustentação a este conjunto de fatores complementares e paradoxais presentes nos sujeitos e nas sociedades são os desafios atuais. Esta talvez seja a utopia que acompanha o homem no percurso de sua história. Quantos paraísos terrestres e celestiais são referidos na história

**** Clóvis, R. Dissenso de Washington: *Folha de S.Paulo*, 26/8/2001, p. A12.

da humanidade? Mas, melhor preservar a utopia do Paraíso, de Shangrilá, da Cocanha para termos esperanças e não cairmos no vazio, na solidão, no desamparo, que tanto nos ameaça. Quem sabe nossa capacidade simbólica de pensar, criar e transformar pode equilibrar os instintos e pulsões que carregamos em nossos aminoácidos? Quem sabe, seremos capazes de desenvolver um diálogo não somente de palavras, mas de ações que busquem efetivamente uma integração entre as diferenças?

O aparelho psíquico suporta certa quantidade de pressão externa e oriunda das necessidades e desejos. Ultrapassado este limiar há uma descarga contra o próprio corpo ou contra o meio externo, através de atos explosivos, impulsivos, impensados, na busca de um novo estado de equilíbrio psíquico. Situações traumáticas ou micro-traumáticas de excitações/frustrações contínuas, que ultrapassem suas possibilidades de elaboração e re-organização, mobilizam processos psíquicos defensivos. Na busca de um novo estado mental de equilíbrio a pessoa, involuntariamente, pode reagir com indiferença ou descargas explosivas contra si ou contra o meio. Quando a descarga é intermediada pela capacidade de pensar, pela atividade simbólica, as fantasias tem vazão de forma atenuada e o sujeito vive um certo grau de alívio e de satisfação, integrada ao meio social.

Necessitamos do outro para definir nossa própria existência e identidade. O processo de identificação é complexo, dinâmico e ocorre ao longo de toda a vida. Seu início virtual antecede a constituição do sujeito, uma vez que, no imaginário dos pais, heranças psíquicas e culturais criam um contexto a ser incorporado pelo indivíduo na constituição de sua subjetividade. Elementos que se transmitem e que ficarão impressos na memória.

O processo de identificação prossegue por toda a vida, através de sucessivos períodos críticos de reorganização egóica, com novas re-distribuições da libido e transformações de valores e ideais. A adolescência possui características específicas: a videz por novos modelos a serem incorporados e vulnerabilidade.

Quando desejamos um filho ele recebe involuntariamente uma série de ideais, anseios e temores conscientes e inconscientes que vão interferir, querendo ou não, em sua personalidade, através das heranças psíquicas que a ele serão transmitidas. É o contexto familiar. O resultado é uma interação entre aspectos próprios, oriundos das potencialidades individuais e da relação que se estabelece com o outro e com o meio. As relações afetivas, soci-

ais e educativas dentro de um determinado contexto histórico-econômico-cultural criam as condições para a efetivação do processo identificatório.

Em suma, sem a existência do outro a vida psíquica não se organiza; sendo que tudo começa em casa, dentro da família ou em condições substitutas, através da quais se promove a educação.

A identificação é “um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma total ou parcialmente, a partir daquele modelo”. É uma condição que dá ao sujeito um sentimento de continuidade e de limite, em relação a si e ao mundo com o qual ele se relaciona. A personalidade se constitui e se diferencia por uma série de identificações (Laplanche e Pontalis, 1973)*****.

São processos constantes e sucessivos de elaborações, perdas e transformações que ocorrem no mundo psiquismo, em grande parte, de forma inconsciente. Este processo constrói um sentimento de algo que o define como sujeito. Isto é, sua identidade. Sentimento que nos faz sentir que, apesar de semelhanças e diferenças, temos algo que se organiza em torno de um *continuum* e dentro de limites. Algo que permite que nos reconheçamos em diferentes momentos de nossas experiências de vida. É uma condição psicológica que tem um valor central na obra de Freud.

A criança nasce numa condição de total dependência e caminha para a autonomia. Parte de um momento praticamente indiferenciado entre o “eu” e o “não eu” até constituir o “eu sou”. Conquista as bases para a construção do sentimento de autonomia e da capacidade de escolha de suas dependências.

A identidade é resultante de um conjunto de identificações parciais, a ponto de encontrarmos na mesma pessoa uma “pluralidade de pessoas psíquicas”, com predominâncias e movimentos entre um ou outro destes aspectos, antagônicos ou complementares entre si.

Uma visão dinâmica e psicanalítica do Homem possibilita relacionar a reciprocidade de influências entre as estruturas mentais e a sociedade na constituição do mundo simbólico do sujeito e suas representações na cultura. Sua formação histórica e relações com as fantasias inconscientes, os imaginários coletivos, a natureza estrutural, dinâmica e econômica do psiquismo, seus mitos, ritos, utopias, ilusões e a dura realidade.

***** Laplanche e Pontalis: *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris, PUF, 1973.

A violência pode ser um sinal de falência do sistema psicossocial, de saturação mental, uma forma ainda que inadequada, mas de busca de renovação e de libertação do excesso de pressões/estímulos. Ela está crônica e banalizada; transformada num valor de cultura e como tal passa a ser incorporada e reproduzida. Mas, é também um sinal positivo, de alerta, capaz de tirar-nos da inércia e gerar o desenvolvimento de processos sociais e psicológicos adaptativos necessários diante das transformações inevitáveis por que passa a Humanidade.

Estarrecido e desolado, interrompi ontem, dia 11 de setembro de 2001, a elaboração deste texto, impossibilitado que estava frente à violência, horror e ceticismo mobilizados pelo ataque terrorista sofrido pelos Estados Unidos. Penso que a cultura ocidental foi abalada e questionada. Ainda que místico, quero crer que diante de tanto terror o homem possa acordar e aprender a lidar com a bestialidade presente em todos nós, favorecida que está pelas características relacionais da cultura contemporânea. Maior liberdade, singularidade e democracia *versus* aumento do fanatismo, da intransigência e da arrogância. Mais uma vez surge o desejo de que do terror e do caos, com pesar e dor, brote a criatividade amorosa em nossas mentes. A Humanidade não poderá ser mais a mesma a partir da experiência de ontem. Temos muito a aprender quanto às possibilidades de transformações da natureza e qualidade das relações humanas.

Conhecer, articular, integrar ações comunitárias, lema que motivou este livro e seminário, expressam a necessidade de *buscar e multiplicar* caminhos que atenuem a expansão da violência.

A Associação Brasileira “A Hebraica” de São Paulo, através de sua área Cultural/Departamento de Debates e Palestras, desejosa mais uma vez de juntar esforços e unir-se no movimento de uma sociedade onde pairam liberdade, equidade, solidariedade, abre sua casa para a grande comunidade.

Ao patrocinar livro e seminário, juntamente com o apoio de empresas, ONGs, instituições privadas e oficiais, acadêmicos, estudiosos, colaboradores anônimos e o público, do qual todos somos co-participantes, traz sua parcela de contribuição e de envolvimento. Desejamos que esta iniciativa possa ser útil e ter continuidade com novos projetos assegurados por políticas públicas e privadas, integradas, nos processos de prevenção.

Preende-se mobilizar *cabeças que fazem cabeças*, com a participação dos vários setores oficiais e da própria comunidade. Ampliar

ações preventivas capazes de promover a compreensão, transformação e a criatividade das mentalidades vigentes para maior controle, atenuação e elisão das múltiplas formas de violência física e moral existentes em nosso meio.

Foram selecionados temas preponderantes que participam na formação de um contexto facilitador, gerador de violências. São abordadas várias formas de manifestação e re-alimentação de violências assim como procedimentos jurídicos e conflitos gerados por tais procedimentos.

Outro vértice abordado refere-se à instrumentalização e capacitação de profissionais ou agentes comunitários. Também são enfocadas iniciativas modelares de ações preventivas, em seus vários níveis, na comunidade.

O livro aborda questões gerais como *Violência brasileira — entre crescimento de igualdade e fragilidade institucional* bem como as relações existentes entre *o privado e o público*, numa sociedade que muitas vezes leva o público para casa e transforma a rua em ambiente privativo, com dificuldades evidentes em se estabelecer o conceito de limites nas relações institucionais e pessoais.

A sociedade encontra-se inserida num sistema de redes econômicas, de comunicação, de intercâmbios culturais contrastadas por ameaças de perdas de identidades regionais. Os grupos socioculturais ameaçados reagem em contrapartida na tentativa de preservar seus valores e identidades historicamente construídas. Num mundo de complexidades, incertezas, a violência é planetária, com peculiaridades geográficas, mas está disseminada pelo mundo sendo que milhares ou milhões de jovens são sistematicamente sacrificados como é retratado no texto *Os adolescentes, vítimas e personagens de guerras no século 21*.

Outro estado de calamidade que se nos apresenta são as grandes metrópoles que tiveram um desenvolvimento sem planejamento, gerando condições precárias quanto à sua urbanização, vida institucional e comunitária, difíceis de serem gerenciadas e de efetivarem um de seus propósitos fundamentais, a educação, que constitui um dos princípios fundamentais da polis. É o que se pode acompanhar na análise sobre *Desorganização política e problema de escala — São Paulo Metrópole*, com graves repercussões no campo do relacionamento humano e nas funções provedoras do estado. A análise das *Escolas Paulistas* é um exemplo de problemática maior que assola o país, contribuindo negativamente para as manifestações destrutivas. Outro segmento significativo dentro do contexto é a

Violência intrafamiliar tratada em seus aspectos psicológicos, sociais, sociológicos e do direito assim como trabalhos de re-integração social e familiar. Entramos nas características psicológicas, conflitos e desvios no comportamento dos jovens contemporâneos ao se analisar *Adolescência, tanto faz? Uma questão de responsabilidade social*. Até onde a sociedade chamada adulta assume suas responsabilidades em relação ao *status quo* que oferecemos para nossos filhos e netos.

Hoje, jovens estudantes estão traficando drogas nas portas das escolas, cometendo assaltos e seqüestros. Deixou de ser um problema restrito a determinada classe social ou um distúrbio de personalidade isolado para ser um elemento imerso na cultura. Sabemos também que muito do que se propõe como medida educacional não é o que se faz na vida prática; é o velho “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”, expressão da hipocrisia que permeia as relações, fruto do individualismo que se confunde com individualidade. As relações entre pais e filhos estão mais próximas. Porém, há inúmeras inversões; jovens denunciando pais usuários de drogas ou com dificuldades em definir e colocar limites, numa evidente horizontalização das relações familiares.

Gravidez, prostituição infanto-juvenil, doenças sexualmente transmissíveis, auto-agressão, drogadição; aparentemente são questões isoladas, mas há um denominador comum: a vulnerabilidade egóica dos adolescentes aliada ao espírito de curiosidade, desafio, heroísmo, imortalidade, elementos do processo de identificação, mistura facilitadora para a eclosão destes problemas. Existem políticas de prevenção? O que ocorre entre o papel, isto é, a lei e sua efetiva aplicação é o que se discute a partir da indagação: *O Judiciário protege a criança e o adolescente? E a FEBEM, que espaço ocupa frente ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)? Estas e outras questões como a diminuição da idade de responsabilidade criminal são discutidas nos textos sobre: O jovem infrator e a FEBEM de São Paulo, O ato infracional à luz do ECA e o Poder Judiciário e O futuro do Brasil não merece cadeia*. Carecemos de políticas de prevenção integradas.

Noutro bloco são abordados instrumentos de dinâmica grupal, fundamentais para o a capacitação de agentes comunitários e monitores no desenvolvimento dos trabalhos preventivos e formação de líderes nas comunidades com os temas: *A contribuição da dinâmica grupal na prevenção da violência na adolescência e nas comunidades; Técnicas de trabalho grupal e familiar, Grupos e prevenção*.

Apresentamos também alguns projetos em andamento e seus resultados como *A mediação da violência na educação*; *Liberdade e acesso à cultura*; *Trabalho do adolescente: oportunidade versus exploração*; *círculo de leitura – sem leitura não há futuro*; *a mídia na prevenção da violência e a rede de observatórios de direitos humanos*.

Uma experiência viva é trazida através de uma série de trabalhos desenvolvidos nas escolas, prefeitura, postos de saúde, onde jovens, família, escola e comunidade trabalham pela comunidade.

Para finalizar, *A mídia na prevenção da violência*, tema central nos dias atuais. Ela tem poderes de indução, persuasão, informação, conhecimento, comunicação influenciando positiva ou negativamente, com ou sem responsabilidade social, mas interferindo de forma massiva, direta e indiretamente sobre a cultura, hábitos, costumes, valores éticos e morais. Criam condições facilitadoras para satisfazer o imaginário. Pode ilustrar, mas também confundir através da não discriminação entre realidade, virtualidade e ficção. Bem empregada pode trazer lazer, conhecimento, articulação e multiplicação de ações comunitárias na prevenção contra a violência e ser o grande instrumento da *Educação*.

Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção conhecer, articular, integrar e multiplicar uma contribuição ao processo educacional brasileiro e quem sabe de comunidades longínquas e irmanadas pelos conflitos. Pretende-se que estas ações estejam acima de tendências partidárias, econômicas, raciais, religiosas, sociais, políticas ou de qualquer outra natureza. Congregar e fazer interagir diferentes segmentos sociais e abarcar a multiplicidade de fatores que compõem a sociedade são expressões de um sentimento amplo e democrático. Não se espera um consenso, mas a possibilidade de integração das diferenças, lá onde não for possível eliminá-las.

Meu reconhecimento à *Associação Brasileira "A Hebraica" de São Paulo*, através de sua Diretoria e Equipe Técnica, que me honrou com a oportunidade de organizar e coordenar este livro e seminário. Ao sr. Ingo Güntert, *Editor da Casa do Psicólogo* meu apreço pelo estímulo, confiança e apoio sempre presentes. Minha gratidão a todas as ONGs, Instituições Oficiais, Não Oficiais, Acadêmicas, Privadas, Colaboradores Voluntários e Anônimos que confiaram e participaram dos propósitos deste evento e da importância desta divulgação. Sinto-me honrado e grato por esta oportunidade. A todos o meu muito obrigado.